

## **“OS GUINLE” NO GRUPO DIRIGENTE DO CLUBE DE ENGENHARIA**

Cláudia Regina Salgado de Oliveira Hansen  
Doutoranda em História Social/UFF

O Clube de Engenharia foi fundado na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1880, na Rua da Alfândega, n.6, em uma reunião que contou com a presença de cinquenta pessoas, entre elas engenheiros e industriais, todos reunidos a convite de Conrado Jacob de Niemeyer.

O artigo primeiro do Estatuto dessa nova associação, que jamais teve seu conteúdo profundamente modificado, estabelecia que o Clube de Engenharia tinha como objetivo promover e estreitar as relações entre os engenheiros e os representantes dos vários ramos de indústrias para satisfazer os interesses dos dois grupos.

Maria Inez Turazzi (Turazzi, 1989:39), Paulo Brandi Cachapuz (Centro de Memória da Eletricidade, 2001:31) e Cezar T. Honorato (Honorato, 1996:5) deixam muito claro que essa instituição, desde a sua fundação, não foi pensada para ser apenas uma associação de engenheiros, mas sim uma instituição que deveria ser colocada a serviço da engenharia nacional. Para além dessa característica bastante significativa, esses mesmos autores destacam ainda outros aspectos importantes e que nos dão uma dimensão melhor do papel que essa instituição desempenhou no Brasil daquele período: Paulo Brandi Cachapuz ressalta a ligação estabelecida, a partir dos próprios estatutos da instituição, entre os engenheiros e os industriais; Cezar Honorato enfatiza a importância da instituição nas discussões que envolviam ciência e tecnologia; e Maria Inez Turazzi, além de realçar também a proximidade entre os engenheiros e industriais, destaca as relações existentes entre membros do Clube de Engenharia e os ocupantes de cargos públicos, e entre as discussões técnicas ocorridas no Clube e as decisões de Governo.

Vânia Maria Cury (Cury, 2000) e Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho (Marinho, 2008), que estudaram recentemente a associação em foco, trouxeram contribuições preciosas para sua compreensão. Vânia Cury mostra que o Clube de Engenharia foi importantíssimo para os engenheiros, pois a agremiação criou mecanismos que levaram os profissionais da engenharia a terem a primazia no comando das principais atividades em obras públicas no início do século XX. Pedro Marinho, por sua vez, além de reforçar a idéia de que no Clube de Engenharia os industriais e engenheiros estavam unidos, ressalta que os agentes dessa associação foram capazes de representar os interesses de algumas frações da classe dominante, como também de unificar esses interesses, difundir suas visões de mundo

e, ainda, fazer com que grande parte dos seus projetos fossem inscritos na sociedade política. Portanto, tal como afirmaram Turazzi, Cachapuz, Cezar Honorato e também Vânia Cury e Pedro Marinho, o Clube de Engenharia foi mais do que apenas uma instituição profissional.

Todos esses trabalhos apontam para a posição de destaque ocupada pelo Clube de Engenharia na sociedade Brasileira de fins do século XIX e início do XX. Seja como um espaço de fortalecimento da engenharia civil; como espaço de formulação de idéias ligadas não só a engenharia civil, mas também a possibilidade de crescimento da economia nacional; como espaço de interseção entre o conhecimento técnico e a ocupação de cargos nas administrações municipais, estaduais e também federais. E também como espaço de formulação de uma determinada visão de mundo.

Considerando a indiscutível importância do Clube de Engenharia na economia e sociedade brasileira da Primeira República, e considerando que uma boa história empresarial procura estudar a empresa levando em conta as “articulações recíprocas entre relações sociais e práticas empresariais” (Levy, 1994:48), analisamos a participação do “Grupo Guinle” nessa instituição. Para tanto, o texto consta dessa introdução, de duas seções, mais uma consideração final. Na primeira seção, além de uma breve discussão acerca do perfil da instituição, procuramos mapear e analisar a presença do “Grupo Guinle” na instituição. Na segunda seção, destacamos a contribuição de Gabriel Osório de Almeida para a constituição da instituição, assim como seu papel como representante dos interesses específicos do “Grupo Guinle”.

## **1. Clube de Engenharia: perfil institucional e “os Guinle” na composição dos seus quadros**

### **1.1 Considerações sobre o perfil da instituição**

Entre os anos de 1880 e 1930 fizeram parte do Clube de Engenharia engenheiros de diversas partes do Brasil e do exterior, mas também industriais, negociantes e políticos, especialmente os da cidade do Rio de Janeiro (Turazzi, 1989:41). Cidade que, nesse período, detinha a condição de capital do Império – e, posteriormente, da República - e apresentava grande dinamismo econômico, pois tinha o maior crescimento urbano e industrial do país.<sup>1</sup>

Mas quem eram os sócios do Clube de Engenharia e que tinham endereço residencial ou profissional no Rio de Janeiro? Turazzi (Turazzi,1989:38-46) mostra que eles eram, em geral, formados

---

<sup>1</sup> A região oferecia grandes oportunidades de emprego no setor econômico privado e também no público, pois a cidade sofrera várias intervenções governamentais para a transformação do seu espaço. Além disso, havia oferta significativa de empregos nas repartições públicas federais e municipais, no Legislativo e nas instituições militares. Além disso, era também o principal centro industrial do país até os anos de 1920.

na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e que eram homens identificados àqueles que “sabiam mandar”; mostra também a existência de uma aproximação tanto ideológica quanto prática entre os engenheiros e industriais. Assinala ainda o entrelaçamento desses homens em academias de ensino, associações profissionais e direções de empresas ou de entidades de classe ligadas à indústria.<sup>2</sup>

Pedro Marinho (Marinho, 2008:189-191), ao fazer uma análise da Diretoria do Clube de Engenharia em fins do século XIX e início do século XX, independente de terem endereço profissional ou residencial no Rio de Janeiro, confirma o que Turazzi destacou, pois defende que o Clube de Engenharia era uma instituição de representação nacional, mas que o Rio de Janeiro predominava como sendo o local de origem da maioria dos dirigentes. Mostra que a maioria dos presidentes do Clube eram do Rio de Janeiro, que a maioria dos agentes que ocuparam o cargo de primeiro Vice-Presidente também eram do Rio de Janeiro; já os agentes que ocuparam os cargos de segundo Vice-Presidente eram de vários locais do país.

Destaca ainda o mesmo autor (Marinho, 2008:196-198), ao fazer uma análise de quem ocupava os cargos de presidente e primeiro e segundo vice-presidentes do Clube, que havia um revezamento entre a ocupação dos cargos de presidente e 1º vice-presidente e uma relação entre a ocupação desses cargos diretivos do Clube e a ocupação de postos na administração pública. Ou seja, ocupar os cargos de presidente e 1º vice-presidente da instituição significava grande possibilidade de ocupar cargos públicos importantes, concluindo que na instituição se agruparam indivíduos que já tinham ligações com cargos públicos, mas que essa associação também impulsionava seus sócios à ocupação desses mesmos cargos. E, ao analisar a formação desse *grupo dirigente*, mostra que alguns deles tinham mais de uma formação superior enquanto outros nem formação superior tinham, e dentre os que eram engenheiros, a maioria dedicou-se à Engenharia Civil e formaram-se pela Escola Central/Politécnica do Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Turazzi destaca a influência do evolucionismo, naturalismo, positivismo, enfim, de um cientificismo sobre a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX e início do XX, e que idéias de “progresso, civilização, trabalho, ordem” contagiaram, entre outros, os industriais e engenheiros. Destaca também que a Escola Politécnica e o Clube de Engenharia contribuíram para a difusão dessas doutrinas no seio das elites do país. E entre os nomes ressaltados pela autora para mostrar o entrelaçamento desses homens na sociedade estão Jorge Street e Gabriel Ozório de Almeida, dois dos sócios de Cândido Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, os dois homens fundadores dos muitos negócios de Gaffrée&Guinle. (Turazzi, 1989:39-46).

<sup>3</sup> O autor trabalhou com 126 associados do Clube (sócios-fundadores ou não) que, em algum momento, integraram sua diretoria. Esse grupo formou a amostra controlada da pesquisa sobre o Clube de Engenharia e foi por ele chamado de **grupo dirigente**. Mostrou que dentro do quadro dirigente, pelo menos, 21 sócios (16%) ocuparam cargos eletivos e não eletivos na sociedade política. (Marinho,2008:189-198).

Portanto, era o Clube de Engenharia uma instituição de engenheiros e também industriais (Turazzi,1989:)<sup>4</sup>, já que objetivava organizar e representar os interesses confluentes entre os engenheiros e os industriais. Homens que faziam parte de uma intrincada e complexa rede de ocupações e funções, pois eram engenheiros, mas também industriais; eram industriais, mas também políticos; eram engenheiros, mas também diretores de empresas públicas ou privadas. Mas era mais do que uma associação profissional, pois, além de estar a serviço da engenharia nacional, ela teria nascido como uma instituição classista (Marinho, 2008:202), já que os engenheiros, em especial os engenheiros civis, envolvidos pela concepção de “progresso” e “modernidade”, conhecedores da técnica de construção, eram os legítimos representantes dos desafios exigidos pela fração da classe dominante ligada ao setor de agroexportação e pela classe dos industriais ligados às atividades manufatureiras e comerciais.<sup>5</sup>

## 1.2 “Os Guinle” na composição dos quadros do Clube de Engenharia

Cândido Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, naturais de São Pedro do Rio Grande do Sul, mas domiciliados e estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro com o comércio de fazendas, em 1874, foram os fundadores dos primeiros negócios do que viria a se transformar em um grande conjunto de negócios em fins do Império e início da República.<sup>6</sup>

Constatamos que o primeiro grande investimento de Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle no setor dos serviços públicos se deu com homens que eram sócios do Clube de Engenharia desde seus primórdios. Dos oito sócios da Gaffrée, Guinle&Cia, fundada em 1888, para executar as obras do Porto de Santos, seis eram sócios do Clube de Engenharia. Desses seis, um fora sócio fundador, Hippólito Veloso Pederneiras, três se filiaram ainda em 1881-1882, José Pinto de Oliveira, Cândido Gaffrée e Francisco Justiniano de Castro Rabello, Eduardo Palassin, em 1885, e Alfredo Camilo Valderato em 1888. Portanto, os sócios da Gaffrée, Guinle&Cia já faziam parte do Clube de Engenharia quando fundaram a companhia, tal como podemos verificar no Quadro 1 abaixo.

---

<sup>4</sup> No Clube de Engenharia o termo “industrial” recebia comumente a denominação de “classe” no sentido de categoria profissional, a exemplo dos engenheiros. Na condição de industriais incluíam-se tanto os que eram proprietários, quanto aqueles que gerenciavam ou dirigiam a fabricação, manufatura ou mesmo comercialização de produtos industriais.(Turazzi, 1989:15)

<sup>5</sup> Salientamos que o conceito de indústria nesse período referia-se a um grande conjunto de atividades e trabalhos, ligando-se a atividade manufatureira, e também a agricultura, pecuária e extrativismo.

<sup>6</sup> Arquivo Nacional. **Série Indústria e Comércio. Livro 1º, tomo 4º da matrícula dos comerciantes, corretores, agentes de leilões, trapicheiros e administradores de armazéns de depósito** – Tribunal do Commercio da Capital do Império. 1º de outubro de 1868. IC<sup>39</sup>. Constam como pertencentes ao “Grupo Guinle”, além dos negócios citados nesse trabalho: Cia. de Fiação e Tecidos Aliança, Cia. Hotéis Palace, Cia. Segurança Industrial, Cia. Imobiliária Kosmos, Cia. Fazendas Reunidas Normandia, Cia. Ítala das Sedas, etc. (Marques, 1998:173).

**Quadro 1: Relação entre sócios da Gaffrée, Guinle&Cia e sócios do Clube de Engenharia**

<b>Gaffrée, Guinle &amp; Cia</b>	<b>Clube de Engenharia: data e classificação da filiação</b>
José Pinto de Oliveira	1881/industrial
Cândido Gaffrée	1882/industrial
Eduardo Palassin Guinle	1885/industrial
João José Ribeiro de Avelar	Não sócio
Dr. Alfredo Camilo Valderato	1888/industrial
Benedito Antônio da Silva	Não sócio
Francisco Justiniano de Castro Rabello	1882/constructor
Hippólito Veloso Pederneiras	Fundador/industrial

Fonte: *Revista do Clube de Engenharia*, n. 24, 1912 ; (Honorato, 1996:111).

Em 1892 quando a Gaffrée, Guinle&Cia. se transformou na Companhia Docas de Santos, constatamos que a estreita relação entre o Clube de Engenharia e os sócios da nova empresa permanecera, pois grande parte dos acionistas era também sócio do Clube. Cabe inclusive destacar o nome de André Gustavo Paulo de Frontin, sócio da Docas de Santos e que vai presidir o Clube de 1903 até 1933.<sup>7</sup> Enfim, Gaffrée e Eduardo P. Guinle estiveram desde a fundação dos seus primeiros grandes negócios muito ligados à instituição.

E a partir da observação de quem eram os acionistas da Companhia Brasileira de Energia Elétrica – empresa fundada pelo Grupo, em 1909, para cuidar dos serviços de eletricidade -, e de quem eram os acionistas de outras quatro empresas dos dois negociantes fundadas em fins do século XIX e início do XX, percebemos: primeiro, que alguns deles, além dos filhos de Eduardo Palassin Guinle, eram sócios de Gaffrée e Palassin em mais de um negócio; segundo, que eram também sócios do Clube de Engenharia, tal como destacamos no Quadro 2 abaixo.<sup>8</sup>

**Quadro 2: Relação dos empresários ou negociantes da CBEE que eram também acionistas de outras empresas junto com Gaffrée e Palassin Guinle e também sócios do Clube de Engenharia.**

<b>Negociantes ou empresários</b>	<b>Gaffrée/Guinle&amp;cia (1888)</b>	<b>Cia. Docas de Santos (1892)</b>	<b>CBEE (1909)</b>	<b>Fábrica Santa Helena(1909)</b>	<b>Cia. Nacional de Tecidos de Juta (1914)</b>	<b>Sócios do Clube de Engenharia</b>
Cândido Gaffrée	x	x	x	x	x	x
Eduardo P. Guinle	x	x	x	x	x	x
João E. Vianna		x	x			x
Américo F. de Moraes			x	x		x

<sup>7</sup> Dos 15 acionistas da Cia. Docas de Santos, no momento da sua fundação, em 1892, 10 deles eram também sócios do Clube de Engenharia. *Revistas do Clube de Engenharia*, 1887-1933 e (Honorato, 1996:122-123).

<sup>8</sup> Nessa tabela incluímos apenas os sócios de Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle em vários empreendimentos e que também eram sócios do Clube de Engenharia. No entanto, existem outros sócios deles em vários dos seus empreendimentos e que não foram listados nessa tabela. Cf. (Hansen,2006:248).

Gabriel O. de Almeida			X			X
Jorge Street			X	X	X	X
Eduardo Guinle			X			X
Guilherme Guinle			X			X
Otávio Guinle			X			X
Arnaldo Guinle			X			X
Eugênio J. de Almeida e Silva	X		X	X	X	X
Saturino Cândido Gomes	X		X			X

Fonte: (Hansen, 2006.:248).

Portanto, não eram só Gaffrée e Palassin Guinle que estavam presentes na instituição, mas sim um grupo de empresários ou “negociantes”<sup>9</sup> a eles ligados, e essa relação estreita existente entre o “Grupo Guinle” e o Clube de Engenharia atravessou o século XIX e se fortaleceu no século XX, pois foi no século XX que alguns homens do “Grupo Guinle”, além da Gaffrée e Palassin, ocuparam cargos no que Eduardo Marinho chamou de grupo dirigente do Clube de Engenharia, conforme nos informa o Quadro 3:

**Quadro 3: Relação dos homens ligados a Gaffrée e Palassin Guinle e que fizeram parte do grupo dirigente da instituição<sup>10</sup>**

Nomes	Data e classificação da Filiação	Ocupação no Clube de Engenharia/Período
Eduardo Palassin Guinle	1885/Industrial	Conselho Diretor (1897,1900,1901,1902) 2ºVice-presidente (1903-1912)
Cândido Gaffrée	1882/Industrial	Tesoureiro (1888,1889) Conselho Fiscal (1900-1912) 2ºVice-presidente(1913-?)
Gabriel Ozório de Almeida	1891/ Engenheiro	Presidente (1900-1902) Conselho Diretor (1892,1895,1896,1897,1902,1903,1905-1925)
Jorge Street	1896/Industrial	Conselho Diretor/1900;1906-?? 2ºVice-presidente/1922-1926
Guilherme Guinle	1903/Engenheiro	Conselho Diretor/1913;1922-1929 2º Vice-presidente/1930-1933
João Evangelista Vianna	1896/Industrial	Conselho Fiscal/ Suplente (1903-1910)
Saturino Cândido Gomes	1909/Industrial	Tesoureiro(1922)

Fonte: *Revistas do Clube de Engenharia*, 1887-1933.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Ressaltamos que consideramos Gaffrée e Palassin como negociantes, inclusive, tal como já afirmamos anteriormente, estavam matriculados no Tribunal do Comércio do Império, e para entendermos essa palavra recorremos a definição proposta por José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu: “São aqueles que empregam grandes jundos em tráficos e manufaturas pondo em rápido movimento e extensão a indústria nacional, slariando e mantendo muitas pessoas, e assim indireta mais eficazmente promovendo a agricultura, original fonte de riquezas nacionais(...). São os que fazem comércio da especulação, bancos e seguros. Precisam de grande penetração, sagacidade e inteligência teórica e prática para bem calcularem as circunstâncias vantajosas aos negócios que projetam”.(Lisboa, 1819:69).

<sup>10</sup> Seguimos aqui a sugestão de Pedro Marinho ao utilizarmos a expressão **grupo dirigente** para nos referirmos àqueles que ocuparam cargos na Diretoria da instituição.

<sup>11</sup> Além dos sócios do Clube de Engenharia que formavam o “Grupo Guinle” e que já foram listados, mencionamos ainda: Eduardo Guinle, Otávio Guinle, Arnaldo Guinle, Carlos Guinle e César de Sá Rabello. Algumas informações sobre a composição da diretoria do Clube ficaram incompletas porque não existe um documento com a listagem de todos os membros da diretoria ao longo de todo o tempo de existência da instituição. As informações foram tiradas de revistas que publicaram a composição da diretoria, outras foram tiradas da contra-capta de algumas revistas que também publicaram a

Os quadros, indicados acima, retratam a presença significativa de alguns dos homens ligados a Gaffrée e Palassin Guinle no Clube de Engenharia, e também no chamado grupo dirigente da mesma instituição, entre os anos de 1880 e 1933.

Os dois fundadores dos negócios do grupo Gaffrée&Guinle, Eduardo P. Guinle e Cândido Gaffrée, classificados como industriais, fizeram parte da instituição desde os seus primeiros anos de existência, pois Gaffrée filiou-se em 1882 e Palassin em 1885, e em 1903 se tornaram sócios beneméritos da mesma. Também foram Eduardo Palassin Guinle e Cândido Gaffrée os sócios do Clube que contribuíram com as maiores quantias em dinheiro para a aquisição e reconstrução do prédio da instituição na Rua da Quitanda n.49, no ano de 1902.<sup>12</sup>

Gaffrée ocupou o cargo de Tesoureiro do Clube de Engenharia nos anos de 1888 e 1889, e fez parte do Conselho Fiscal no período de 1900-1912, cargo ocupado, segundo Pedro Marinho, só por empresários. Em 1913, no entanto, após a morte de Eduardo Palassin Guinle, passou a ocupar o cargo de 2º Vice-Presidente, mas não sabemos precisar ao certo se ele permaneceu nesse cargo até o ano de seu falecimento, em 1919.<sup>13</sup> Junto a Gaffrée, também no Conselho Fiscal da instituição, estava João Evangelista Vianna, assumindo um cargo de suplente. Logo, a contribuição de Gaffrée para a instituição parece ter sido essencialmente administrativa, pois mesmo depois de assumir o cargo de 2ª vice-presidente, não se envolveu em discussões técnicas.<sup>14</sup>

Eduardo Palassin Guinle aparece um pouco mais envolvido nas discussões burocráticas ou técnicas que ocorriam na instituição, pois fez parte do Conselho Diretor e foi 2º Vice-Presidente do Clube durante nove anos. Em 1896, dez anos depois de admitido como sócio, participou de uma comissão para estudar as tarifas estaduais das estradas de ferro.<sup>15</sup> E como Vice-Presidente do Clube, no período de 1903-1912, esteve também presente em algumas reuniões do Conselho Diretor, especialmente em 1907, quando presidiu algumas das sessões, mas não tomou parte nas inúmeras discussões, e os temas

---

composição da diretoria. Não foi possível também listar a diretoria pelas atas das sessões do Conselho Diretor porque nem sempre todos os membros estavam presentes nas reuniões.

<sup>12</sup> Com relação às contribuições de alguns dos sócios do Clube para a construção da sua nova sede no início do século XX, salientamos as de Cândido Gaffrée e Eduardo P. Guinle, que doaram 10:000\$00 cada um; Paulo de Frontin 2:000\$00; Alfredo Maia 1:000\$00; João Evangelista Vianna 500\$00; Adolpho Aschoff 200\$00, James Mitchell 200\$00. *Revista do Clube de Engenharia*.n17,1907.p.140 e n.18,1909.p.102.

<sup>13</sup> As Revistas do Clube de Engenharia não foram publicadas nos anos de 1914-1922 e não encontramos outra fonte para fazer o levantamento da diretoria do Clube.

<sup>14</sup> O nome de Cândido Gaffrée não aparece em nenhuma das atas das sessões do Conselho Diretor

<sup>15</sup> *Revista do Clube de Engenharia*. n.1,1897.p.20.

discutidos nas reuniões em que esteve presente eram quase sempre burocráticos referindo-se às eleições da diretoria, balanços sobre a situação financeira do Clube, projeto do novo edifício do Clube, etc.<sup>16</sup>

Jorge Street, admitido como industrial e sócio do Clube no ano de 1896, e um dos grandes parceiros de Gaffrée e Palassin Guinle, teve participação pontual nas discussões técnicas ocorridas na instituição. Sua presença e participação intensa se deu nos primeiros meses do ano de 1906, quando da discussão sobre a questão do preço da venda do kwh no Distrito Federal, como membro do Conselho Diretor<sup>17</sup>. E, ainda, ocupou o cargo de 2º Vice-Presidente no período de 1922-1926.

Já Gabriel Osório de Almeida, filiado como engenheiro, teve uma participação bastante importante e ativa no grupo dirigente do Clube de Engenharia, especialmente no que se refere à unificação dos interesses do grupo e difusão de visões de mundo. Associou-se em 1891, foi primeiro vice-presidente e presidente do Clube no período de 1900-1902, e fez parte do Conselho Diretor ao longo de muitos anos, inclusive, na sua gestão como presidente do Clube de Engenharia é que foi organizado o primeiro Congresso de Engenharia e Indústria, no Brasil. No Conselho Diretor, responsável pela elaboração de pareceres e de consultas técnicas, sua participação, no período de 1896-1907, foi sempre muito intensa, integrando comissões, apresentando pareceres, apresentando apartes sobre os estudos realizados, entre outros.<sup>18</sup>

Além desses, cabe ainda mencionar a participação de Guilherme Guinle, filiado como engenheiro em 1903, e ocupante de um lugar no Conselho Diretor e também da segunda vice-presidência, no período de 1930-1933, e de Saturnino Cândido Gomes que foi tesoureiro da instituição no ano de 1922.

As posições ocupadas pelo “Grupo Guinle”, em resumo, eram as seguintes: um deles na 2ª Vice-Presidência, dois deles no Conselho Fiscal, e dois deles no Conselho Diretor, fora os que de forma mais esporádica participavam do Conselho Diretor. Com a morte de Eduardo Palassin Guinle, em 1912, Gaffrée substituiu Eduardo P. Guinle no cargo de 2º Vice-Presidente. Nesse mesmo ano Guilherme Guinle, que assumiu também a direção da CBEE e de todos os negócios do pai, passou a fazer parte do Conselho Diretor.<sup>19</sup> Anos mais tarde, após a morte de Gaffrée, Jorge Street (1922-1926) e Guilherme Guinle (1930-1933) ocuparam também o cargo de 2º Vice-Presidente do Clube.

---

<sup>16</sup>Atas das Sessões do Conselho Diretor do Clube de Engenharia: 15/09/1904;20/12/1904. *Revista do Clube de Engenharia*.n.17,1907;16/10/1907;01/11/1907,16/11/1907,02 e 16/12/1907,24/12/1907. *Revista do Clube de Engenharia*.n.26,1913 e 01/07/1909. *Revista do Clube de Engenharia*.n.27,1913.

<sup>17</sup> *Revista do Clube de Engenharia*, n.21, 1910. pp 197-208. Faremos algumas considerações sobre a participação de Jorge Street nessa discussão no próximo item. Consideramos importante salientar que Jorge Street, além de sócio de Gaffrée e Palassin Guinle em mais de uma empresa, fora também um dos fundadores do Centro Industrial do Brasil, em 1904.

<sup>18</sup> Retomaremos as discussões nas quais se envolveu Gabriel O. de Almeida mais adiante. Livro de Atas do Conselho Diretor do Clube de Engenharia e Revistas do Clube de Engenharia, 1901-1929.

<sup>19</sup> Adolph Aschoff também merece ser citado. Engenheiro associado em 1896 e integrante do Conselho Diretor do Clube, desde 1897, teve uma participação bastante significativa nas discussões do Conselho Diretor e que nos interessa muito de perto, pois participou das discussões, em 1900, sobre a concessão Willian Reid e também sobre o Projeto de Lei n.65, de



Tal como podemos verificar, a chegada de Gaffrée, Palassin Guinle e seus parceiros de negócios no grupo dirigente do Clube se deu, de forma mais sistemática, na primeira década republicana.<sup>20</sup> Gaffrée foi uma exceção, e uma exceção interessante, pois substituiu Jacob Conrado de Niemeyer no mandato de 1888-1889, único mandato, no período de 1880-1922, em que Jacob C. Niemeyer não esteve à frente da tesouraria do Clube, quando foi deslocado para o Conselho Diretor. E em um momento, segundo Pedro Marinho, decisivo para a instituição já que ocorrera o golpe republicano e um aumento significativo no número de sócios incluídos no Conselho Diretor. (Marinho,2008:189) Portanto, Gaffrée, no momento mesmo do golpe republicano, assumira uma das posições no grupo dirigente do Clube de Engenharia.<sup>21</sup>

E ainda de acordo com as análises do mesmo autor, os membros do quadro dirigente do Clube representavam, nos fins do século XIX, os interesses das frações agrárias, em especial aqueles ligados à região onde a cafeicultura estava em processo de decadência em termos de produção e rentabilidade.<sup>22</sup> Mas representavam também os interesses específicos do que ele chamou de um empresariado em ascensão. Destaca ainda que o Clube de Engenharia conseguiu se consolidar e ultrapassar a crise hegemônica do bloco histórico imperial.

Concluimos, então, que a participação “dos Guinle” foi muito importante dentro do Clube de Engenharia no momento em que o Clube gozava de grande prestígio. Enquanto Gaffrée e Palassin Guinle estiveram ligados às questões administrativas da instituição, especialmente Gabriel Ozório de Almeida e também Jorge Street, estiveram ligados às questões técnicas e políticas. Ressaltamos ainda que houve uma manutenção das posições assumidas pelos representantes do “Grupo Gaffrée&Guinle” dentro do Clube de Engenharia, pelo menos, nas primeiras três décadas republicanas, o que a nosso ver, sinaliza prestígio do grupo dentro da instituição, pois eram todas ocupações que resultavam de votação.

Logo, o grupo “dos Guinle” ocupou posições chave da instituição. Posições importantes na definição de pareceres que, muitas vezes, eram definidores de políticas públicas; posições que funcionavam como trampolim para a ocupação de cargos públicos eletivos ou não; posições

---

1903, que procurava regularizar o serviço de energia elétrica na Capital Federal. No entanto, não pode ser, assim como os outros homens mencionados, considerado um membro do grupo Gaffrée&Guinle dentro do Clube de Engenharia, pois somente em 1903 se associa aos filhos de Eduardo P. Guinle, Eduardo Guinle e Guilherme Guinle para fundar a Aschoff&Guinle, e falece em 1904. *Revista do Clube de Engenharia*, n.3 1897.p.7.

<sup>20</sup> Verificamos que a exceção de Cândido Gaffrée, Eduardo Palassin Guinle, João Evangelista Vianna, Saturnino C. Gomes e André Gustavo Paulo de Frontin, nenhum dos outros sócios da Docas (1892) ocuparam cargos na diretoria do Clube nem em fins do século XIX, nem no início do XX. *Revistas do Clube de Engenharia*, 1887-1912.

<sup>21</sup> Chamou nossa atenção o fato de Conrad Niemeyer ter sido, em 1922, substituído pelo Comendador Saturnino Cândido Gomes, sócio de Gaffrée e Palassin Guinle em duas empresas.

<sup>22</sup> Até os anos posteriores a 1930, a economia brasileira baseava-se nas atividades agrícolas, sendo decisiva a hegemonia exercida pela classe proprietária agrária. No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, uma série de atividades urbanas foram se formando a partir da ação de negociantes e comerciantes, em aliança com proprietários de terras e escravos e a burocracia estatal. (Marinho, 2008:204)

controladoras das finanças da instituição. Portanto, fizeram parte desse grupo de homens “que sabiam mandar”, que produziam uma determinada visão de mundo, que interferiam nos rumos das políticas públicas.

## **2. Gabriel Ozório de Almeida: o homem forte dos Guinle no Clube de Engenharia**

O “Grupo Gaffrée&Guinle” teve uma participação ativa e significativa no Grupo Dirigente do Clube de Engenharia. No entanto, no Conselho Diretor, responsável pela elaboração de estudos e pareceres que poderiam vir a ser colocados em prática pelos poderes públicos, destacou-se Gabriel Emiliano Osório de Almeida. Portanto, dentre “os Guinle” que ocuparam postos no grupo dirigente do Clube de Engenharia, era Gabriel Osório de Almeida quem poderia exercer uma ação política mais incisiva em prol da defesa dos interesses do “Grupo Gaffrée&Guinle” na “arena técnica” do Clube de Engenharia.

Gabriel Osório de Almeida nasceu na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, em 1854, e foi matriculado em 1874 na Escola Central, formando-se em engenheiro em 24 de dezembro de 1880. Começou sua carreira ferroviária como simples condutor de segunda classe na Estrada de Ferro Pernambuco (1888) e, depois, sucessivamente, trabalhou como ajudante na Estrada de Ferro de Porto Alegre e Uruguaiana (1888). Ocupou cargos de engenheiro-ajudante nos trabalhos de prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II (1888), de diretor da Companhia de Obras Públicas de Minas Gerais; de engenheiro da Diretoria de Obras da capital de São Paulo(1890); presidente da Loyd Brasileiro; empreiteiro da Estrada de Ferro Mogiana, diretor da Companhia Carris Vila Isabel; membro da comissão para elaboração do Plano de Viação (1890); de consultor técnico do Ministério de Indústria e Obras Públicas(1891);de diretor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro(1896-1897); presidente do I Congresso de Engenharia e Indústria (1900-1901); membro vitalício do Clube de Engenharia, onde foi vice-presidente e presidente entre 1899-1903; de diretor geral dos Telégrafos (1903); de diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil (1903-1906); diretor da Docas de Santos (1904); diretor-técnico da Comissão Fiscal e Administrativa do Ministério da Viação e Obras Públicas nas obras do Porto do Rio de Janeiro (1903-1907);de Presidente do Conselho Municipal da Capital Federal (1911-1913); consultor do governo frente a Companhia do Porto do Rio de Janeiro (1913); membro do Conselho

Municipal da Capital Federal (1913-1916); Presidente da Comissão Financeira do I Congresso Nacional de Estradas de Rodagem (1916). (Schoppa,2004 ; Turazzi,1989:38-39; Marinho,2008:111).

Observando a trajetória de Gabriel Osório de Almeida percebemos que teve grande experiência no setor ferroviário, que trabalhou para empresas privadas e também assessorou órgãos do poder público ligados a viação e obras públicas, mesmo antes de se associar ao Clube de Engenharia. Além disso, verificamos que esteve na direção de empresas privadas, de associações profissionais, de academias de ensino, além de ocupar cargos públicos.<sup>23</sup> Nas empresas do “Grupo Gaffrée& Guinle, ressaltamos sua participação como diretor da Docas de Santos, em 1904, e como acionista da Companhia Brasileira de Energia Elétrica, fundada em 1909.<sup>24</sup>

Gabriel Osório de Almeida era um engenheiro civil formado pela Escola Central/Politécnica do Rio de Janeiro, influenciado pelo cientificismo que tomou conta do Brasil no final do século XIX e que, no Clube de Engenharia, teve papel fundamental. Sua participação no Conselho Diretor do Clube de Engenharia foi bastante intensa, especialmente no período de 1896 a 1908, tal como podemos verificar na Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1: Proporção da presença de Gabriel Osório de Almeida nas reuniões do Conselho Diretor do Clube de Engenharia (1891-1915)**

Ano	Número de Reuniões do Conselho Diretor	Número de Reuniões em que Gabriel Ozório de Almeida participou
1891	5	-
1892	3	2
1893	5	-
1894	9	-
1895	14	1
1896	22	13
1897	21	10
1898	?	?
1899	?	?
1900	1	1
1901	16	14
1902	40	20
1903	35	11
1904	48	20
1905	34	18
1906	35	12
1907	25	12
1908	32	18

<sup>23</sup> Pedro Marinho mostra que não foi exclusivamente a associação dos engenheiros e industriais que inscreveu Gabriel Osório de Almeida na sociedade política, mas ressalta que com o advento da República, ele consolidou ainda mais sua posição dentre de agências da sociedade política através de cargos diversos. (Marinho, 2008:230). Salientamos também que ele esteve diretamente ligado a outra associação de industriais nas primeiras décadas do século XX—o Centro Industrial do Brasil. Fez parte do Conselho Fiscal da instituição no período de 1904-1912, e de 1912-1925 foi o primeiro Vice-Presidente da instituição, quando Jorge Street era seu presidente. (Carone, 1978:75) e Arquivo Firjan –Processos Eleitorais do CIB: 1904-1931. Filme n.SDO/CIRJ 0001.

<sup>24</sup> Gabriel Osório de Almeida fez parte da primeira Comissão Fiscal montada após a fundação da CBEE e foi ele quem passou a presidir as Assembléias anuais da Companhia após a morte de Gaffrée, em 1919. Até seu falecimento, todas as Assembléias da Cia. foram presididas por Gaffrée. (Hansen,2006: 84).

1909	21	1
1910	23	9
1911	25	3
1912	29	4
1913	27	11
1914	19	-
1915	27	-

Fonte: *Revista do Clube de Engenharia*, 1900-1915 e *Atas do Conselho Diretor do Clube de Engenharia*, 1886-1887; 1887-1898.

No período de 1896 a 1897, quando era Diretor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, participou de 53% de todas as reuniões feitas pelo Conselho Diretor, onde discutiu, entre outras coisas, sobre os aumentos das tarifas da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB). Em 1901, quando era Presidente do Clube, participou de, aproximadamente, 88% de todas as reuniões do Conselho Diretor e discutiu especialmente os temas referentes ao saneamento e viação. No período de 1902 a 1905, sua participação se deu em 56% das reuniões e versava sobre a eletrificação da Estrada de Ferro Madeira-Maromé, as possibilidades de exploração do carvão nacional, sobre a discriminação dos terrenos da marinha e saneamento público. No período 1906-1908, participou de 46% das reuniões e, na verdade, correspondeu aos anos de 1906, quando se ocupou da discussão sobre o preço do kwh no Rio de Janeiro e 1908, quando discutiu sobre o projeto de colonização às margens das estradas de ferro, sobre a Carta Geral da República, Legislação de Minas, etc. Enfim, de maneira geral, as questões nas quais Gabriel Osório de Almeida se envolveu foram variadas.

Considerando a presença e participação de Gabriel Osório de Almeida nas discussões do Conselho Diretor, acreditamos que ele contribuiu muito para consolidar a idéia de que era através da ação dos competentes técnicos reunidos no Clube de Engenharia, que os problemas de infra-estrutura existentes no Brasil, poderiam ser solucionados.<sup>25</sup> E acreditamos também, tal como afirmamos anteriormente, que ele contribuiu muito para a construção da visão de mundo que era difundida pela instituição. Neste sentido, concordamos novamente com Pedro Marinho, quando define o Clube de Engenharia como um partido no sentido gramsciano, ou seja, “partido pode ser visto como uma formação burocrática ou ideológica de uma classe a qual se liga organicamente, onde esse partido se apresenta como instrumento de obtenção/manutenção de poder e também como forma de disseminar sua concepção de mundo”. (Gramsci, 2000:349-350).

Destacamos, a seguir, para efeito de conhecermos um pouco sobre as idéias por ele defendidas dentro da instituição, sua participação em algumas discussões sobre a questão ferroviária brasileira e

<sup>25</sup> Hipótese defendida no trabalho de Vânia Cury. Cf. (Cury, 2000). Sônia Regina de Mendonça também assinala a relação que se estabeleceu entre a idéia de progresso e civilização e o aprofundamento da engenharia civil. Cf. (Mendonça, 1992:48).

sobre a discussão acerca do preço do kwh no Rio de Janeiro, quando os Guinle já disputavam com a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power o mercado de eletricidade do Distrito Federal.

## **2.1 Gabriel Ozório de Almeida: discursos<sup>26</sup>**

As últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX foram marcadas, entre outras coisas, pela decadência das lavouras de café fluminenses, pelo aumento da produção cafeeira dos fazendeiros paulistas, e pela ampliação da infra-estrutura urbana.<sup>27</sup>

A construção da malha ferroviária no Centro-Sul do Brasil esteve associada ao transporte do café e de outros produtos aos principais portos brasileiros (RJ e Santos) e, assim como as obras públicas urbanas, esteve também diretamente ligada à Engenharia Civil, pois os engenheiros civis estavam vinculados à construção e administração das ferrovias, especialmente nas ferrovias nacionais, e também aos serviços urbanos de locomoção, saneamento, gás, abastecimento de água, eletricidade, etc.

Enfim, havia uma imbricação entre o complexo agro-exportador, as ferrovias, os serviços públicos e a engenharia civil, e toda essa imbricação se refletiu nas temáticas publicadas na Revista do Clube de Engenharia, no período de 1887 a 1910, sendo os temas ferrovia, abastecimento de água, saneamento e portos, os de maior destaque na Revista. <sup>28</sup> Ressaltamos, no entanto, que havia uma ligação direta entre os temas publicados na Revista e os temas discutidos nas reuniões do Conselho Diretor, e que Gabriel Osório de Almeida foi participou ativamente de grande parte das discussões sobre esses temas, tal como já evidenciamos anteriormente.

### **2.1.1 A questão ferroviária**

Quando era consultor técnico do Ministério da Agricultura, em 1892, pouco tempo depois de ter se filiado ao Clube de Engenharia, Gabriel Osório de Almeida produziu um parecer sobre as medidas que

---

<sup>26</sup> Sobre análise de discursos Cf ( Almeida, 1983; Fairclough, 2001)

<sup>27</sup> O declínio do café ocorreu, principalmente, na região do vale do Paraíba fluminense. Em outras áreas, como no Norte o café estava em expansão, e sua produção foi prejudicada face ao Convênio de Taubaté. Cf. ( Mendonça,1999:33-39).

<sup>28</sup> O tema estradas de ferro correspondeu a 48% de todos os temas publicados. (Marinho,2008:213)

deveriam ser tomadas para regularizar o tráfego da Estrada de Ferro Central do Brasil e, no parecer, deixou claro que queria saber a opinião dos técnicos do Clube de Engenharia.<sup>29</sup>

Nesse parecer defendeu que os problemas da E. F.C.B estavam ligados à estrutura do sistema ferroviário brasileiro. Seu parecer foi muito criticado nos debates ocorridos no Conselho Diretor, pois a maioria dos conselheiros entendia que o problema da ferrovia era sua desmoralização e falta de administração competente.<sup>30</sup>

Outro momento de importante participação sua nos debates sobre ferrovias ocorridos no Clube, se deu em 1897, quando produziu um parecer para o Clube sobre a elevação das tarifas da E.F.C.B, momento em que era Diretor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Essa discussão foi motivada por uma proposta de aumento das tarifas da estrada de ferro feita ao Executivo, pelo então Diretor da ferrovia, Pereira Passos.

No seu trabalho, Gabriel Osório de Almeida deixou claro que sendo a E.F.C.B uma via da União competia ao Executivo resolver seus problemas, mas que os preços das suas tarifas não poderiam ser aumentados sem que um máximo para o aumento fosse fixado pelo Legislativo. Além disso, afirmou que a via férrea do Estado só devia ter reposição do custo do trabalho e juros do capital empregado, e que o preço da tarifa devia corresponder ao custo médio dos transportes. Enfatizou que a base para a tarifação devia se apoiar no custo médio do transporte, no valor dos produtos transportados, no equilíbrio da receita e despesa e nos juros do capital nela empregados.

Depois de expor os elementos básicos da sua análise, afirmou que a ferrovia não conhecia esse custo médio dos transportes há muito tempo e que, por isso, era impossível saber se os fretes eram superiores ou não às despesas nas diferentes seções. Logo, seria um erro aceitar aumento das tarifas sem a realização desses estudos.<sup>31</sup>

Nos dois pareceres, o de 1892 e o de 1897, enfatizou que havia necessidade de reformas estruturais para solucionar os problemas E.F.C.B, e apontou os caminhos que deveriam ser seguidos, não associando-os apenas a questões administrativas.

No ano de 1900, depois de uma década republicana, Gabriel Ozório de Almeida tornou-se Presidente do Clube de Engenharia e em sua gestão foi organizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Engenharia e Indústria. Sua presença nesse primeiro Congresso de Engenharia e Indústria foi enorme, tal como destacado na Tabela 1, e ele tomou parte de forma sistemática nas discussões sobre viação.

---

<sup>29</sup> Utilizaremos a sigla EFCB para designar a referida ferrovia no texto.

<sup>30</sup> Sessões de 28/03/1892 e 31/03/1892. *Revista do Clube de Engenharia.*, n. 1, 1895.

<sup>31</sup> Atas das Sessões do Conselho Diretor do Clube de Engenharia dos dias 16, 19 e 25 de outubro de 1897. *Revista do Clube de Engenharia.*, n.3 de 1897. pp.9-70

Afirmou que sua participação se devia ao fato de existirem duas escolas opostas dentro do Clube de Engenharia, e dele pertencer a uma delas. Segundo ele, de um lado estariam aqueles que viam o Estado como entidade separada da sociedade, que tudo devia e podia resolver sem que isso afetasse a sociedade; de outro -e ele pertenceria a esse grupo - estariam aqueles que viam o Estado como uma entidade unida à sociedade e, portanto, todas as medidas governamentais afetavam a nação como um todo.<sup>32</sup>

Fez críticas bastante contundentes aos estudos sobre viação apresentados no Congresso e afirmou que aqueles que queriam que o Estado construísse as ferrovias e cobrasse fretes baixos, independente de haver remuneração pelos serviços prestados, e também dos capitais empregados, queriam, no fundo, prejudicar a nação.<sup>33</sup>

Portanto, Gabriel Osório de Almeida afirmou, tal como já havia feito discussões anteriores, que as estradas de ferro tinham que cobrar pelos seus serviços e pelo capital investido, mesmo sendo do governo; defendeu o equilíbrio da receita-despesa e discordou da idéia de que as estradas de ferro deviam ser entidades beneficentes para as zonas que elas atravessavam. Finalizou seu discurso afirmando que as tarifas da E.F.C.B não pagavam os serviços por ela prestados e nem o capital nela investido, e ainda, estabeleceu uma relação entre essa situação, às dívidas do Estado e a dificuldade de realização de obras públicas.

As posições defendidas por Gabriel Ozório de Almeida ecoaram de forma bastante intensa dentro do Congresso, pois no documento conclusivo das discussões sobre viação, a relação entre o preço da tarifa de transportes nas estradas de ferro e a realização dos serviços pela mesma foi contemplado.<sup>34</sup>

### **2.1.2 A questão do preço do Kwh no Distrito Federal**

Gabriel Osório de Almeida se envolveu em uma discussão importantíssima sobre os serviços públicos de eletricidade que ocorreu no Clube, e que correspondia a uma das arenas de uma grande disputa que estava sendo travada entre a empresa Guinle&Cia, “do Grupo Guinle” e a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, de capital estrangeiro, pelo controle do mercado de eletricidade do Distrito Federal.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> *Revista do Clube de Engenharia.*, n.4,1901.p.41.

<sup>33</sup> Idem acima.

<sup>34</sup> *Revista do Clube de Engenharia.*, n.4,1901.p.141 e *Revista do Clube de Engenharia.*, n. 3,1901.p.204. Lembramos que Gabriel O. de Almeida se tornou diretor da E.F.C.B (1903-1906).

<sup>35</sup> Tal como já atentamos anteriormente, nesse momento Gabriel Ozório de Almeida já era diretor da Docas de Santos, e já trabalhava com Jorge Street no Centro Industrial do Brasil. E a Guinle&Cia era a sucessora da Aschoff&Guinle.

Em dezembro de 1905, Paulo de Frontin, presidente do Clube, solicitou ao professor Henrique Morize um estudo sobre o preço da venda do kwh para iluminação pública e particular no Rio de Janeiro, intitulado *O preço do quilowatt-hora no Brasil e no estrangeiro*, tendo em vista a realização de um debate no Clube de Engenharia sobre a revisão de tarifas fixadas com a Société Anonyme du Gaz.<sup>36</sup>

Em fevereiro de 1906 começaram as discussões sobre o estudo feito pelo Professor Morize acerca do preço da venda do kwh para ilumina  o pública e particular no Rio de Janeiro. Gabriel Osório de Almeida se colocou logo na primeira sessão de discussão do estudo, em 12 de fevereiro de 1906. Depois de elogiar muito o Professor Morize, e antes de fazer considera  es acerca do estudo apresentado, se posicionou politicamente diante da questão, pois afirmou que o título do trabalho era genérico demais, porque no fundo seu objetivo era definir o preço de venda do kwh para ilumina  o pública e particular no Distrito Federal. A nosso ver, Osório de Almeida procurou, logo na primeira sessão, enfatizar a seriedade e complexidade da discussão.

Logo na apresenta  o das suas primeiras obje  es deixou muito claro que o debate no Clube não estava limitado às questões técnicas, pois afirmou que Morize usou dados fornecidos pelo Sr. Mitchell, para realizar seu estudo, e que todos sabiam que ele era empregado de confiança da Light&Power Company, isto   , da Companhia que, pela parte que tinha na SAG, tinha interesse na determina  o do preço máximo da unidade elétrica.<sup>37</sup> Chegou a afirmar: “Bastaria esse fato para que perfeitamente ficasse eu justificado, não votando sem mais detido exame a conclusão do parecer.”<sup>38</sup> Portanto, Osório de Almeida critica a base do trabalho de Morize, critica sua aproxima  o com o pessoal da Light, e, a nosso ver, afirma que o estudo era tendencioso.

Seu discurso sobre o parecer do professor Morize se apoiou em questões que poderíamos chamar de políticas e também técnicas. Nas suas primeiras palavras enfatizou que a utiliza  o de motores hidráulicos era vantajosa para a empresa contratada, que defendia a diminui  o do preço do kwh sem compensa  es para a empresa contratada, e que não deveriam discutir, no Clube, privilégio e prazo. Assim, fez questão de mostrar que via a SAG/Light como beneficiada na questão.

Logo em seguida, fez algumas considera  es técnicas criticando Morize que não teria trabalhado a rela  o entre o custo da unidade elétrica e natureza da força motora/importância das instala  es/condi  es de distribui  o, etc. Seguiu criticando Morize, mas retomando a questão com que abriu seu discurso, mais política do que técnica, pois disse não entender por que Morize trabalhou com

---

<sup>36</sup>    importante lembrar que Paulo de Frontin fora sócio fundador da Docas de Santos.

<sup>37</sup> *Revista do Clube de Engenharia*. n.21,1910. p.57.

<sup>38</sup> *Revista do Clube de Engenharia*.n.21,1910.pp.57-59.



dados fornecidos por James Mitchell, funcionário da Light, ao invés de ter trabalhado com dados oficiais, citando alternativas como: o preço oferecido pela Light em Niterói ou o preço oferecido pela Guinle&Cia a Cantareira, ou mesmo o preço da proposta da Guinle&Cia ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas.<sup>39</sup>

Seguindo com sua veemente crítica ao estudo do professor Morize, e tocando novamente em uma questão técnica, disse discordar do professor acerca da idéia de que o preço da energia elétrica ou a gás dependia somente do fator carga. Enfatizou como determinantes do preço também o tipo de aplicação da energia, se às máquinas ou iluminação. Chegou a afirmar que o que poderia reduzir o preço da energia seria a concorrência.<sup>40</sup> Terminou seu discurso defendendo que o preço da luz deveria ser menor que aquele apresentado no estudo do professor Morize e votou contra a aprovação do parecer.

O discurso de Gabriel Osório de Almeida suscitou reações bastante significativas e que reforçam a idéia de que a discussão sobre o preço do kwh no Rio de Janeiro, não foi apenas uma discussão técnica, muito pelo contrário, teve não como “pano de fundo”, mas como “pano de frente”, a própria disputa LightXGuinle&Cia pelo mercado de eletricidade do Distrito Federal.

Em algumas das passagens do discurso de um dos conselheiros, Pedro Luiz, na sua análise sobre o trabalho do professor Morize e em resposta às considerações de Osório de Almeida, afirmava:

“(…)os que discutem de boa fé, como profissionais, e neste caso estão todos os membros do Conselho Diretor, os que procuram se esclarecer para dar um voto acertado e consciencioso, esquecendo os litigantes, a procedência desses, se são brasileiros ou estrangeiros, são forçados, como o orador, a estudar as condições das duas cidades, a natureza e o custo dos trabalhos(…)”.

“O ilustrado colega Dr. Osório exagerou os fatos para melhor ajeitá-los às conclusões a que visava chegar.(…)”<sup>41</sup>

Fez questão de enfatizar que o Conselho Diretor deveria esquecer os envolvidos na disputa pelo preço do kwh no Rio, e sugeriu que Gabriel Osório de Almeida estava distorcendo intencionalmente os fatos. Seguiu em sua crítica às contestações de Gabriel Osório de Almeida e chegou a afirmar que a Guinle&Cia tinha que ter comprado a concessão Willian Reid

“(…) Nunca pode compreender como os nossos distintos patricios, ornamentos do nosso mundo industrial e financeiro, homens de vistas penetrantes e lúcidas, de animo ousado e resoluto, os Srs. Gaffrée&Guinle, tendo em vista explorar o serviço de fornecimento de luz e força a esta cidade por energia hidráulica, não tivessem adquirido a concessão w. Reid e deixassem que fosse ela ter as mãos da Light and Power, (...)”<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> Idem acima. pp.60-61.

<sup>40</sup> Idem acima. pp. 62-68.

<sup>41</sup> *Revista do Clube de Engenharia*. n.21,1910. p.87

<sup>42</sup> Idem acima. p.94.

Portanto, Pedro Luiz, fez críticas ao trabalho do professor Morize, mas concentrou seus esforços em mostrar que as contestações de Gabriel Osório de Almeida visavam beneficiar os concorrentes da SAG/Light. Defendeu que o Conselho Diretor não votasse no parecer, nem a favor e nem contra.<sup>43</sup>

Em sua resposta às contestações de Gabriel O. de Almeida o professor Morize<sup>44</sup>, ao mesmo tempo em que tentou explicar as bases do seu trabalho e dos cálculos para a definição do preço do kwh no Rio, também acabou por deixar claro que via o discurso de Gabriel Osório de Almeida como um discurso de defesa dos interesses de Gaffrée&Guinle.

“(…) confesso não compreender a repugnância do Dr. Osório e as suas críticas a este meu modo de proceder (...)”.  
“(…) Por fim me critica por ter adotado como preço básico o que me foi fornecido pelo nosso colega Mitchell, parte interessada, e de ter desprezado os de Guinle & Cia, em Niterói, e os de Gaffrée&Guinle, nesta capital, **partes desinteressadas** (...)”.<sup>45</sup> (grifo nosso)

Gabriel Osório de Almeida, em novo discurso, no dia 03/03/1906, afirmou que sua participação na discussão estava relacionada à vontade de acertar e que não haveria outro motivo além desse. Insistiu e reafirmou que o estudo do professor Morize estava cheio de erros.<sup>46</sup> Dois dias depois, em 05/03/1906, Gabriel Osório de Almeida contou com o apoio de Jorge Street, que ao contrário de Osório de Almeida, fez questão de estabelecer sua relação com Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, além de defender que o Conselho Diretor deveria se preocupar em proporcionar ao país energia elétrica a preços suficientemente baixos para permitir o desenvolvimento das indústrias. Começou seu discurso dizendo de que lado estava:

“(…)Tenho, Sr. Presidente, com os Sr. Gaffrée&Guinle, beneméritos brasileiros que têm prestado ao seu paiz, na vasta esfera da sua fecunda atividade, os mais relevantes serviços, relações da mais íntima amizade.

Esta íntima amizade, de que me orgulho, fez com que eu acompanhasse desde o início os estudos feitos por aquela firma, que, como é público e notório, concorreu perante os poderes públicos para, de acordo com as leis, fornecer energia hidroelétrica a esta capital (...)”.<sup>47</sup>

Após elogiar Gaffrée e Palassin Guinle, defendeu a Guinle&Cia através da apresentação da proposta que a empresa havia feito a Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, em março de 1905, dizendo que os Guinle tinham conhecimento de causa e que os preços oferecidos eram

---

<sup>43</sup> Outro membro do Conselho Diretor que participou muito dessa discussão e que, assim como Pedro Luiz, foi a favor da não votação do parecer do professor Morize, foi João do Rego Barros, alto funcionário da SAG.

<sup>44</sup> O professor Morize respondeu Gabriel O. de Almeida antes mesmo de responder Rego Barros, sendo que este último também havia feito muitas críticas ao seu trabalho e havia falado antes de Gabriel O. de Almeida nas discussões do Conselho Diretor.

<sup>45</sup> *Revista do Clube de Engenharia*.n.21,1910.p.109.

<sup>46</sup> Idem acima.pp.129-160.

<sup>47</sup> Idem acima. pp.197-198.

remuneradores dos serviços prestados. Street disse não concordar com Morize, considerando o preço sugerido em seu trabalho como sendo alto e ainda, fez questão de dizer que a concessão Reid não dava privilégio à Rio Light, por conseguinte, seria possível estabelecer concorrência.<sup>48</sup> Bom, Street interferiu no debate de forma enfática, apelando para o patriotismo, para a credibilidade de Palassin e Gaffrée, e também para os industriais.

O debate intenso, nos meses de fevereiro e março de 1906, nas sessões do Conselho Diretor do Clube de Engenharia, e que terminou sem a votação do parecer do professor Morize, pois o Conselho Diretor não votou nem a favor e nem contra, a nosso ver, mostrou que houve sim, em fevereiro e março um debate técnico nas sessões do Conselho Diretor, mas que mais do que técnico foi um debate político, onde Gabriel Osório de Almeida secundado por Jorge Street, procurou frear o avanço da Rio Light sobre o mercado de eletricidade do Distrito Federal.

### **Considerações Finais**

A importância que o Clube de Engenharia adquiriu na sociedade brasileira de fins do século XIX e início do XX, especialmente as relações existentes entre os membros do Clube de Engenharia e os ocupantes dos cargos públicos e as relações entre as discussões técnicas ocorridas na instituição e as decisões de governo, reforçam nossa idéia de que uma boa história empresarial tem que procurar analisar as estratégias empresariais estabelecidas para além dos muros da própria empresa.

Conseguimos, após levantamento exaustivo nas Atas das sessões do Conselho Diretor e nas Revistas da instituição, demonstrar que além de Gaffrée e Palassin, vários dos seus sócios eram associados da instituição e, mais que isso, ocupavam cargos importantes na Diretoria da mesma, e fizeram questão de mantê-los por um longo tempo. Portanto, conseguimos demonstrar que o “Grupo Guinle” foi parte importantíssima na constituição da instituição e que ocupou posições-chave dentro dela.

Além disso, a análise dos discursos proferidos por Gabriel Osório de Almeida nas discussões do Conselho Diretor do Clube, além de ter mostrado algumas das suas idéias, mostrou a importância que “um dos Guinle” teve para a instituição e para o “Grupo Guinle”, pois sua participação foi grande e, muitas vezes, decisiva nos temas mais discutidos no Clube de Engenharia. E ainda, Gabriel Osório de Almeida teve presença marcante e determinante no momento crucial da disputa Guinle&Cia conta a

---

<sup>48</sup> *Revista do Clube de Engenharia*. n.21,1910. pp.199-208.

Rio Litght, pelo controle dos serviços públicos de particulares de eletricidade no Distrito Federal, no início do século XX.

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Alfredo W. Berno de. *A ideologia da decadência*. São Paulo: IPES, 1983.
- CARONE, Edgar. *O Centro Industrial do Rio de Janeiro e sua importância e participação na economia nacional (1827-1977)*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.
- CURY, Vânia Maria. *Engenheiros e Empresários: o Clube de Engenharia na gestão de Paulo de Frontin (1903-1933)*. Niterói/PPGH-UFF, 2000. (Tese de Doutorado).
- FAIRCLOUGH, Nornam. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Ed. UNB, 2001.
- GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HANSEN, Cláudia Regina Salgado de Oliveira. *O poder da Companhia Brasileira de Energia Elétrica em Petrópolis*. Niterói/PPGH-UFF, 2006. (Dissertação de Mestrado)
- HONORATO, Cezar (coord). *O Clube de Engenharia nos momentos decisivos da vida do Brasil*. Rio de Janeiro: Clube de Engenharia, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O polvo e o porto: a Cia. Docas de Santos (1888-1914)*. São Paulo-Santos: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- LEVY, Maria Bárbara. *O Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994.
- LISBOA, José da Silva. *Princípios do Direito Mercantil e Leis da Marinha*. Lisboa: Imprensa Régia, 1819. Tratado V, p.69. In: GUIMARÃES, Carlos Gabriel. *Bancos, Economia e Poder no Segundo Reinado: o caso da sociedade Bancária Mauá, Macgregor & Cia. (1854-1866)*. Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1997, p.65. (Tese de Doutorado)
- MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. *Ampliando o Estado Imperial: os engenheiros e a organização da cultura no Brasil oitocentista, 1874-1888*. Niterói/PPGH-UFF, 2008. (Tese de Doutorado).
- MARQUES, Maria Teresa Cristina de Novaes. *O setor bancário privado carioca entre 1918 e 1945. Os bancos Boavista e Português no Brasil – um estudo de estratégias empresariais*. Rio de Janeiro/UFRJ, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- MENDONÇA, Sônia Regina de. O Convênio de Taubaté e a Economia Agrícola Fluminense. *Lócus: Revista de História*. Juiz de Fora, V.5, n.1, 1999, p.33-39.
- \_\_\_\_\_. “A balança, a régua e o arado: sistemas de ensino e habitus de classe na Primeira República”. In: *Cadernos do ICHF*. Niterói: UFF, 42, nov., 1992.
- SCHOPPA, René Fernandes. *150 anos do trem no Brasil: 30 de abril de 1854-2004*. s/ed., 2004.
- TURAZZI, Maria Inez. *A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e organização do trabalho na virada do século XIX e início do XX*. Rio de Janeiro: Coppe, São Paulo: Marco Zero, 1989.

